

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Dicionário de uma experiência de coisificação da cor

Mayra Corrêa Marques[1] (UERGS)
Carmen Lúcia Capra[2] (UERGS)

Resumo: O ensaio a seguir trata de uma reflexão sobre o Estágio Supervisionado em Artes Visuais I, componente obrigatório do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Será apresentado um glossário de palavras criado a partir da experiência de estágio em artes visuais ocorrida no segundo semestre de 2017, em uma turma de sexto ano do ensino fundamental de uma escola situada na cidade de Montenegro-RS. Por fim, serão feitas algumas considerações finais sobre o estágio docente.

Palavras-chave: Experiência docente; Cor; Glossário.

O ensaio a seguir trata de uma reflexão sobre o Estágio Supervisionado em Artes Visuais I, componente obrigatório do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul[3]. O projeto desenvolvido no estágio intitulou-se “Cor-coisa e Cor-compartilhamento” e teve como principais objetivos compreender a cor como um fenômeno cultural e investigar a sua presença em diferentes artefatos visuais. O texto não segue à risca as normas de escrita acadêmica prescritas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), ao invés disso optei por redigi-lo como um glossário[4], pois esse formato é o que melhor contempla o que a experiência de estar na escola mobiliza em mim. Dessa forma, construo o meu raciocínio através de um inventário de palavras, retiradas dos planos e relatos de aula, que adquiriram novos sentidos após o estágio docente.

A (ação coisificar) – É possível construir conhecimento sobre Cor transformando-a em uma “coisa”, em referência a Masschelein e Simons (2014a, p. 163), algo que

[1] Acadêmica da Graduação em Artes Visuais: licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS e integrante da Rede de Mediadores da Galeria de Arte Loide Schwambach – FUNDARTE.
[2] Professora doutora e coordenadora de curso da Graduação em Artes Visuais: licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.
[3] Sob orientação da Prof. Carmen Lúcia Capra.
[4] A ideia de criar um glossário foi inspirada no livro Dicionário das ideias feitas em educação, de autoria de Sandra Mara Corazza e Julio Groppa Aquino (2011).

está à disposição de todos para uso livre, sem necessariamente abordar conceitos de difícil compreensão presentes em livros clássicos como “Da cor à cor inexistente”, de Israel Pedrosa. Para coisificar a cor, podemos colorir a escola, criar cores que não existem e até cores com sabores. “Coisas novas fazem nós nos sentirmos novos.” (TURMA 82, 2017).

Apavorada – Sensação constante durante os primeiros dias do estágio. “Tu vai ficar apavorada conosco”, disseram os alunos.

Artefatos visuais – A aula de Artes não precisa se restringir àqueles objetos considerados “obras de arte”. Qualquer artefato visual pode ser referência, desde o moletom que eu estava vestindo na hora da aula até o slogan de uma propaganda publicitária. Segundo Hernández (2007), o estudo da cultura visual é uma perspectiva cuja intenção é a de propor nexos entre problemas, lugares e tempos, cuja finalidade é a de opor-se tanto ao potencial etnocentrista e unidirecional dos enfoques que continuam presentes nas concepções dominantes sobre as matérias, como ao modo como tais concepções aparecem nos livros-texto e nas propostas e práticas da sala de aula.

Aproximação – Ficar escondida atrás da mesa da professora propondo os trabalhos, assistindo e monitorando a turma é muito mais cômodo, afinal, muitas vezes temos medo de que vire uma bagunça. No entanto, fazer junto com os alunos pode ser uma forma de estreitar as nossas relações. Assim que houve uma aproximação maior entre nós também nos aproximamos mais da Cor. Além disso, é muito mais divertido quando estamos expostos juntos.

Avaliação – É algo delicado. Existem coisas que nos escapam e são muito difíceis de serem mensuradas através de uma nota. Pensemos: Quantos A’s cabem em um A?

Cor – Existem muitas cores nomeadas com nomes de coisas, como o laranja, por exemplo. “Não acredito de todo na possibilidade de um discurso científico e unívoco sobre a cor, unicamente fundado nas leis da física, da química e da matemática. Para mim, uma cor que não é vista é uma cor que não existe.”

(PASTOUREAU,1997, p.15). A cor precisa tornar-se real, ser uma coisa, um bem comum, um saber disponível a todos e todas.

Criar – Desconhecer, redescobrir, recriar. Segundo Mosé (2013, p. 83), o aprender deve ser vinculado ao criar.

Datrige K. (cor) – É uma cor criada e nomeada pelos alunos. Nasceu a partir da sensação de tocar em um bicho de pelúcia, possui um tom rosado e sabor de água do mar.

Escol(h)a – A Arte com A maiúsculo, a galeria de arte e suas vernissages são enaltecidas enquanto a escola é o lugar da precariedade, da desmotivação e do tédio. Sempre é uma surpresa quando falo que faço Licenciatura em Artes Visuais para ser professor(a) e não artista. Pasmem: a escola pode ser uma escolha e não uma segunda opção.

Erro – "Tudo o que se opõe a determinado regime de verdade" (CORAZZA; AQUINO, 2011, p. 50). O erro não é necessariamente algo negativo.

Empatia – Ter empatia por aqueles corpos que estão conosco naquele momento talvez seja tão (ou mais) importante do que ter um plano de aula bem escrito e detalhado.

Fazer junto – Produzir prática e pensamento vivo.

Gesento (cor) – É uma cor criada e nomeada pelos alunos. Nasceu a partir da sensação de "gelar" ao sentir um objeto sem saber o que é, possui tom azulado e um sabor muito doce, que remete a um remédio.

Instalação – Uma forma de socializar a Cor com a comunidade escolar.

Imprevisibilidade – A imprevisibilidade faz parte do fazer docente e talvez esse seja um dos motivos que faz essa profissão ser tão encantadora.

Jogo – Que tal jogar STOP com cores? Lembrete: pensar bem antes de propor um jogo que estimule a competição.

Massa – "A aula foi massa." (TURMA 82, 2017).

Mural – Uma forma de materializar, costurar e tornar fixas as criações de cada aula.

Merenda – A hora mais esperada da manhã, só não perde para o recreio.



Medo – Algumas noites em claro e um frio na barriga constante de ter vinte e nove rostos nos olhando por dois períodos de aula.

Negociar – Estar na escola é deparar-se com constantes negociações.

Paredes de tijolos aparentes – Revestimento de um espaço de vida. Cheio de marcas: escritas, intempéries do tempo e o tal do espelho de classe.

Plano de aula – Não é uma receita e a nossa prática pode estar muito distante do que nós acreditamos teoricamente.

Processo – Geralmente é mais rico do que o resultado final.

Presença – Uma presença no presente: para os alunos estarem presentes, nós temos que estar presentes.

Quanta paciência – "Tu teve muita paciência conosco. Todo mundo diz que a gente é a pior turma." (TURMA 82, 2017)

Relex (cor) – É uma cor criada e nomeada pelos alunos. Nasceu a partir da sensação de leveza e tranquilidade ao sentir um objeto sem saber o que é, possui tom esverdeado e um sabor agridoce.

Reinventar – As cores, atribuir novos sentidos, reinventar a escola.

Sinestesia – Sentir a textura, o gosto e o cheiro das cores.

Sabor – A docência é uma bala vermelha com gosto de limão.

Tempo – Em sua origem, o termo "escola" é derivado de "*skholé*", que significa tempo livre em latim. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014a, p.9) Esse tempo já é destinado, capitalizado e até pode passar voando quando estamos na escola.

Trindade meu deus, espírito santo e capeta (cor) – É uma cor criada e nomeada pelos alunos. Nasceu a partir de uma aluna gritando "meu deus" ao sentir um objeto sem saber o que é, possui uma mistura de cores roxa e vermelha e sabores doces e salgados.

União – Marca do açúcar que usamos para adoçar as nossas cores. União entre nós. União que adoçou a docência.

Verdade – A verdade é produto de acordos, é uma ficção (MOSÉ, 2013, p. 79)**.** "A sora fez a gente questionar verdades", disse uma aluna.

Vertoxo (cor) – É uma cor criada e nomeada pelos alunos. Nasceu a partir da agonia, profundidade e desespero causadas pela sensação de sentir um objeto sem saber o que é, possui uma mistura de cores verde e roxa e sabor muito doce.

Criar um glossário permitiu que eu inventariasse os novos sentidos que todas essas palavras adquiriram após o estágio. Compartilho, também, algumas das referências entrelaçadas ao fazer docente, assim como as angústias, encantos e todas as "coisas" que ganharam vida com essa experiência: nomenclaturas de cores, novas cores, bordões e a ressignificação de alguns conceitos tão recorrentes no campo da educação. Finalizo essa escrita transbordando vontade de docência.

Referências

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Editora Autêntica, 2014a.

_____. *Em defesa da escola – Uma questão pública*. Editora Autêntica, 2014b.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual.* Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

PASTOUREAU, Michel. *Dicionário das Cores do Nosso Tempo. Simbólica e sociedade.* Lisboa: Editorial Estampa.1997.

MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara; AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). *Dicionário das ideias feitas em educação.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.